



CIEA7 #30:

RUM, RUMPI E LE: SOB FOGO CRUZADO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA CONTEMPORANEIDADE.

Álvaro Roberto Pires<sup>©</sup>

logunede@uol.com.br

### **Homens Públicos, Discursos Conflitantes:** as lições que o terremoto no Haiti trazem para a cultura negra brasileira

*Os argumentos apresentados nos vídeos publicizados em diversos sites da Rede Mundial de Computadores, nos quais o Cônsul do Haiti no Brasil, George Samuel Antoine, e o Pastor americano Pat Robertson, dono do canal Christian Broadcasting Network, explicitam o preconceito contra os haitianos, descendentes de africanos na diáspora, a partir do terremoto ocorrido, recentemente, naquele país da América Central. Os argumentos são sustentados levando-se em conta a díade cultura/religião naquele país de predominância negra, onde o vodu, ritualística pertencente à polifonia da religiosidade de matriz africana em diversas culturas, foi considerada “negativa” e causadora das intempéries ocorridas. O texto pretende trabalhar as implicações no âmbito cultural, político, ético, existentes a partir dos discursos proferidos pelos dois homens públicos, cuja gênese encontra-se assentada nas concepções de mundo dos séculos XVII, XVIII, XIX, que deram origem ao mais perverso movimento de enquadramento e controle social que a História conheceu: a escravidão negra. O “olhar”, no interior do texto, permanece focado na realidade brasileira contemporânea onde o desenvolvimento das religiões negras tem recebido tanto do Estado, como da sociedade civil, duros golpes de intolerância a liberdade religiosa, os quais servem de estímulo para que as igrejas neopentecostais assumam a linha de frente na desqualificação da cultura negra no país, da qual a religião é seu componente intrínseco. A realidade presente nos obriga a formulação de uma análise do problema, que contribua com ações que venham dirimir ou minorar o atual quadro, dando relevância à conotação político/ideológica que o caso apresenta.*

Discurso, Cultura Negra, Religiosidade afro-brasileira.

---

<sup>©</sup> Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Desgraça de lá está sendo uma boa pra gente aqui, fica conhecido...  
Acho que tanto mexer com macumba, não sei o que foi aquilo...  
O africano em si tem maldição. Todo lugar que tem africano tá f...  
(Argumento do Cônsul do Haiti no Brasil, George Samuel Antoine, sobre  
o terremoto que assolou aquele país da América Central)<sup>1</sup>

Christie,  
Algo aconteceu há muito tempo no Haiti e algumas pessoas preferem  
não falar sobre isso.  
Eles estavam sob o domínio dos franceses, sabe... Napoleão III... Algo  
assim.  
E eles se reuniram e fizeram um pacto com o demônio. Disseram “nós o  
serviremos se você nos livrar dos franceses”. História verídica.  
Então o diabo disse “Ok! Negócio fechado”.  
Então eles chutaram os franceses.  
Os haitianos se revoltaram e conseguiram se libertar. Desde então tem  
sido amaldiçoados com uma coisa após a outra.  
Desesperadamente pobre.  
A ilha de Hispaniola é uma ilha cortada ao meio. De um lado é o Haiti e  
do outro a República Dominicana.  
República Dominicana é próspera, saudável, cheia de hotéis e etc. E  
Haiti está uma pobreza desesperada.  
Mesma ilha. Eles precisam e temos que rezar por eles, se voltar para  
Deus.  
E desta tragédia, estou otimista que algo de bom possa vir.  
Mas agora estamos ajudando as pessoas que sofrem.”  
(Argumento do pastor Pat Robertson, dono do canal Christian  
Broadcasting Network)<sup>2</sup>

O representante do governo haitiano em solo brasileiro, cumprindo suas  
funções diplomáticas. Um pastor evangélico norte-americano proprietário de uma rede  
de televisão. Aparentemente nada causaria estranhamento para o leitor, como  
também para o autor deste texto, a citação de dois cidadãos públicos desempenhando  
funções distintas, em países distintos, com culturas também distintas.

No entanto, se vincularmos estes homens públicos aos discursos narrativos  
mencionados acima (o primeiro produzido no interior do consulado do Haiti no Brasil, o  
segundo em um programa de televisão nos EUA), os quais serviram de epígrafe e  
mote para a elaboração dos argumentos que seguem abaixo, observaremos ser o

<sup>1</sup> Conteúdo acessado em [www.youtube.com/watch=6\\_jywtncpiya](http://www.youtube.com/watch=6_jywtncpiya) em 15/03/2010.

<sup>2</sup> Conteúdo acessado em [www.youtube.com/watch?v+5cmekolvcy&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v+5cmekolvcy&feature=related) em 15/03/2010.

conteúdo das falas como a cosmovisão que serviu de ponto de partida para a produção daqueles discursos, repletos de preconceitos, estigmas atribuídos ao povo haitiano e a sua cultura, sendo, por conseguinte extensivo à população negra de outras sociedades espalhadas nos continentes.

Primeiramente, cada homem público, a seu modo, imputa ao “ser” africano a pecha de ser *amaldiçoado*. Maldição esta que surgiu simplesmente pelo fato da cultura negra haitiana ter o vodu como prática religiosa importante naquela ilha, a qual religa os elos de pertencimento a um grupo cultural que foi sempre exposto a toda sorte de maus tratos. No discurso em análise o termo “*ser amaldiçoado*” trás consigo a situação fronteira das categorias que estão eivadas pelas ideologias que defendem a manutenção da lógica escravista contra tudo aquilo que a religião significa para o equilíbrio dos haitianos. Direcionando o foco para outros parâmetros ideológicos mais críticos e pouco afeitos a reafirmar a visão escravista, vemos que

a religião trazida pelos escravos africanos – o vodu – representa uma visão original do mundo e o esforço de um povo para se afirmar a despeito das condições dramáticas de sua história, que o fizeram passar da escravidão e da dominação estrangeira ao subdesenvolvimento e à ditadura política. É a “linguagem própria” de um povo que só poderia sobreviver às condições históricas, econômicas e sociais em que se encontra a séculos caso descobrisse por si só sua própria resposta, afirmando-se em seus próprios modos originais de existência. (Rodrigues, 2008 p.141).

A tomada de posição assumida pelo povo haitiano ao elaborar sua relação com o sagrado, através do vodu, conforme assevera Rodrigues, constrói paulatinamente as bases fundamentais do pertencimento presente no interior do Continente Africano, a partir das diversas culturas existentes, agora constituintes de um único país, o Haiti, no qual cada dia seus cidadãos e cidadãs laboram as condições de superação da história dramática, cruel à qual estão submetidos, ontem no interior do circuito escravocrata, hoje amordaçados no subdesenvolvimento e na ditadura política interna e externa. Afirma-se a partir do quadro de desolação encontrado naquele país, deixado através de séculos de escravidão, somados a incompetência dos gestores em “administrar” o Haiti, que a população negra fosse buscar alento no vodu, enquanto prática ritualística possuidora de uma cosmogonia, de um mito fundador, beneplácito contra todos os males, agregador das identidades negras na diáspora, cujos limites ultrapassam o campo meramente religioso, assentando suas fundações no terreno político-histórico. Para o haitiano(a) trata-se de um “estar no mundo” que oferece a condição de

construir uma realidade esperançosa (sempre!) no interior de um cotidiano carregado de opressão, servidão, violência. O vir-a-ser do haitiano(a) encontra semelhança com o cotidiano partilhado pelo povo-de-santo das comunidades-terreiro<sup>3</sup> da religião afro-brasileira, que ocupando papéis distintos, porém complementares, no universo do ilê<sup>4</sup> e na sociedade abrangente, luta pela dignidade de seu pertencimento a comunidade de axé.

Não obstante a postura religiosa e política assumida pelo povo-de-santo seja do vodu haitiano, da santeria cubana ou do candomblé brasileiro, entre outras manifestações da religiosidade negra no Novo Mundo, de altivez e pertencimento, podemos afirmar que estas são vistas e tratadas com desdém como também assimiladas pelo imaginário popular como a religião do diabo, causadora de todos os malefícios contemporâneos que se possa conceber. As manifestações religiosas advindas do Continente Africano e difundidas nas Américas são, no mínimo, toleradas pela sociedade daqueles países, sendo, muitas das vezes, combatidas e perseguidas sob a alegação do pacto estabelecido com entidades que disseminam o mal.

Quando o cônsul do Haiti no Brasil diz que *“Todo lugar que tem africano tá f...”*, este além de se referir diretamente aos negros do Haiti, desrespeita todos os descendentes de africanos que habitam os vários países cujo desenvolvimento e progresso ocorreu a partir do braço escravo. Certamente ao tomar assento no Brasil, na condição de cônsul de um país da América Central ao qual representa, o Sr. George Samuel Antoine não se deu conta que parcela significativa da população brasileira é negra, portanto devedora da cultura africana para o estabelecimento do país que conhecemos hoje, tal qual o é o Haiti.

O dono do canal televisivo CBN, pastor Pat Robertson envereda por uma história construída a partir do séc. XVIII na qual os negros haitianos estabeleceram um pacto com o diabo a fim de verem-se livres dos franceses, comandados por Napoleão III, conforme afirma o narrador da fantástica saga. Segundo o pastor o pacto foi aceito pelo diabo que tendo colaborado com a expulsão dos franceses varreu-os de volta para o Continente Europeu. Tal ação ocorreu através do levante insurgente desencadeado pelos haitianos, estando os descendentes de africanos desde aquele evento *“amaldiçoados com uma coisa após a outra”*. Nesta passagem da história contada “no ar”, abre-se uma ruptura ao entendimento daqueles que tiveram acesso aos argumentos mencionados: se o pacto foi feito de comum acordo entre os haitianos e o diabo, por que após a debandada dos franceses os eventos sociais não deram

---

<sup>3</sup> O termo aqui usado designa o terreiro, o espaço comunal no qual as atividades partilhadas cotidianamente trazem bem-estar ao conjunto dos filhos-de-santo; ao mesmo tempo significa o espaço sagrado, simbólico, no qual as divindades paramentadas para as cerimônias públicas são recebidas, em festa, para o xirê sagrado.

<sup>4</sup> O mesmo que casa.

certo? Os fatos não deveriam ter sido direcionados para um desfecho semelhante ao relatado? Por que não deu certo?

Aos estabelecermos uma comparação com a ilha de Hispaniola (mencionada pelo pastor) que é dividida em duas partes sendo de um lado a República Dominicana e, de outro o Haiti, veremos que o desenvolvimento econômico, social, cultural, político é infinitamente superior do lado representado pela República Dominicana ao passo que seu oposto encerra o que de pior pode ser encontrado num país, do ponto de vista de seu desenvolvimento humano, cuja população em sua maioria negra, guarda a herança colonial presente em seu imaginário, referência obrigatória para a construção do país nos tempos modernos. A comparação estabelecida entre o Haiti e o país vizinho encontra justificativa no campo cultural do ponto de vista mais amplo, e na religião do ponto de vista mais restrito. Esta subentendido nos argumentos tanto do cônsul como do pastor, o posicionamento contrário a religião seguida pelos negros(as) no Haiti; o vodu, segundo a fala do pastor e a macumba nas afirmações do cônsul haitiano promoveram o atraso social experimentado pela ilha no Caribe, ocasionando “a pobreza desesperada” daquele cantinho esquecido após séculos de pilhagem e política colonialista advinda dos duros períodos em que a escravidão se consolidou para o bem-estar do velho mundo. Por fim o proprietário da rede CBN utiliza argumentos assistencialistas para demonstrar como a religião da qual faz parte, o fundamentalismo evangélico, juntamente com seu canal de televisão<sup>5</sup>, somados a todos aqueles que se sentem representados por seu posicionamento, encontram-se dispostos a ajudar, desde que os haitianos deixem de lado sua religião, seus valores, sua cultura, negociando assim a identidade que foi forjada no Continente Africano através de seus ancestrais. Os argumentos do pastor dizem que “...*Eles precisam e temos que rezar por eles, se voltar para Deus. E desta tragédia, estou otimista que algo de bom possa vir. Mas agora estamos ajudando as pessoas que sofrem*”.

A concepção de mundo que oferece lastro aos posicionamentos do pastor Pat Robertson podem ser localizadas no fundamentalismo cristão norte-americano, mencionado na coleção de volumes com o título *The Fundamentals*, cuja publicação ocorreu entre os anos de 1910 e 1915 (Castells, 2001). Estes livros possuíam o objetivo de publicizar textos sagrados que foram editados por teólogos evangélicos conservadores na virada do século. Castells ao falar sobre o poder da identidade

---

<sup>5</sup> O sociólogo Manuel Castells em seu livro *O poder da Identidade*, ao reproduzir os registros de Michael Lienesch diz: *Deus ajudará o bom cristão nos negócios: afinal de contas, ele tem de prover o sustento de sua família. Prova viva disso é justamente o líder da Coalizão Cristã, Pat Robertson, famoso evangelista da televisão. Após sua conversão, imbuído de sua recém-conquistada autoconfiança, Robertson partiu para os negócios: “Deus me mandou até aqui para comprar sua estação de TV”, afirmou, fazendo uma oferta com base no “valor informado por Deus”: Disse-me o Senhor: “não ultrapasse dois milhões e meio”. Enfim, a transação acabou se revelando um excelente negócio...* (2001, p. 40).

exemplifica, a partir de situações políticas e sociais contemporâneas, o surgimento do fundamentalismo islâmico e de sua versão cristã, onde menciona o forte poder político e religioso do pastor norte-americano.

Nos anos 90, na esteira da vitória de Clinton nas eleições presidenciais de 1992, o fundamentalismo apareceu no primeiro plano do cenário político, dessa vez sob a forma da Coalizão Cristã liderada por Pat Robertson e Ralph Reed, contando com 1,5 milhão de filiados e demonstrando considerável influência política junto ao eleitorado republicano. Além disso, as idéias e a visão de mundo dos fundamentalistas parecem encontrar grande ressonância nos Estados Unidos do fim de século. (Castells, 2001, p. 38).

A saga contada pelo pastor Pat Robertson é encerrada diante das câmeras com um olhar consternado da apresentadora do programa, Christie, uma afro-descendente que nos EUA não deixaria dúvida acerca de sua etnia negra; a jovem apresentadora muito provavelmente corrobora a argumentação exposta pelo pastor, sem se perguntar (deduz-se pela expressão facial de concordância com os argumentos apresentados no vídeo) se existiria relação plausível de aproximação, pelo menos do ponto de vista teórico, entre o vodu e as catástrofes naturais a partir do “pacto” formalizado entre os haitianos e o diabo no séc. XVIII. Infelizmente o vídeo é encerrado nesse momento. A curiosidade nos leva a pensar o que mais seria dito acerca do bloco televisivo apresentado, argumentos que certamente seriam “construídos com o requinte da inteligência moderna”, enriquecendo nosso conhecimento histórico a respeito do Haiti, a antiga colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos! Certamente Christie, Pat Robertson não tiveram tempo de refletir a respeito dos acontecimentos que ocorreram após a Revolução Francesa de 1789, naquele cadinho de terra chamada São Domingos, onde escravos rebelados sob o comando de Toussaint L’Ouverture em 1791, deflagraram “a única revolta de escravos bem-sucedida da História” (James, 2010, p. 15), na qual pudemos ver a partir das dificuldades a serem superadas, as evidências da magnitude dos interesses que estavam envolvidos. A reflexão de ambos talvez pudessem levá-los a escolher a alternativa de construir argumentos mais históricos e menos voltados para a construção de pré-noções.

As pré-noções contidas nos argumentos do pastor Pat Robertson como de Christie (embora não tenha elaborado nenhum discurso oral, o fez através dos gestos e expressões faciais, o que configura uma percepção do mundo), denotam uma elaboração requintada da inteligência moderna, cujas raízes fazem parte das sociedades contemporâneas, produtoras de mentes brilhantes que possuem como um

de seus objetivos manter o crescimento dos quadrantes que limitam os espaços sócio-culturais de cidadãos e cidadãs posicionados nos interiores dos padrões oferecidos pela sociedade globalizada. A gênese desses padrões foi abordada por Santos ao elaborar argumentos que pudessem constituir o conhecimento acerca da técnica, do espaço e do tempo, conceituando o que entende por esse termo na sociedade presente.

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. (...) Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico: podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea. (Santos, 1997 p. 48).

Outros autores que tratam de temas similares ao que enfocamos no momento, argumentam que o processo de globalização juntamente com a soberania de Estados-nação, embora eficaz, tem diminuído paulatinamente. No entanto, embora o domínio dos Estados-nação tenha experimentado fluxos de perda da soberania, não podemos afirmar que a soberania enquanto tal tenha desaparecido totalmente. É o caso de Michael Hardt e Antonio Negri que partem da hipótese de que “...a soberania tomou nova forma, composta de uma série de organismos nacionais e supranacionais, unidos por uma lógica ou regra única. Esta nova forma global de economia é o que chamamos de Império”. (2004, p. 12).

Tanto a conceituação de que a globalização constitui-se num paradigma por onde se pode compreender os diferentes enquadramentos da realidade contemporânea (Santos), como aquela que delega à soberania uma nova formatação, a qual é composta por organismos nacionais ou supranacionais (Hardt & Negri), são ferramentas importantes para compreender a proliferação do sistema *mundial colonial/moderno*<sup>6</sup>, segundo o historiador Walter Mignolo. Para este autor as matrizes

---

<sup>6</sup> Em seu livro intitulado “*Histórias Locais, Projetos Globais: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar*”, o autor desenvolve de maneira brilhante, na Introdução, os argumentos que o levam a cunhar o conceito de sistema mundial colonial/moderno. Tal sistema possui sua gênese no séc. XVI atualizando-se nos séc. XVIII e XIX, a partir da configuração da diferença colonial que deveria ser mantida, colaborando para a construção do imaginário do mundo colonial/moderno. Mignolo parte dos argumentos desenvolvidos por Coronil no qual este afirma que “num período que expande de fins do século 15 até a etapa inicial da globalização, construíram um arcabouço e uma concepção do conhecimento baseado na distinção entre a epistemologia e a hermenêutica e, ao fazê-lo subalternizaram outros tipos de conhecimento...” (Mignolo, 2003 p. 36). Esta é a tese principal de seu livro. A segunda tese da qual o autor procura aproximar-se pretende demonstrar que o longo período de subalternização do conhecimento está cedendo espaço para novas formas de conhecimentos, sendo que aquilo que foi

que foram revisadas durante os séc. XVIII e XIX nas estruturas de poder dos Estados-nação, a partir da configuração da diferença colonial que deveria ser mantida, colaborou para a construção da díade *colonial/moderno* no imaginário das culturas instaladas no período mencionado. Tal construção ofereceu as condições necessárias para que a aderência nas relações sociais do mundo colonial, a partir daquele sistema, fosse disseminando valores, práticas, costumes numa concepção naturalizada do mundo colonial, sendo este justo e verdadeiro. Talvez possamos inferir que as visões de mundo apresentadas nos argumentos do pastor Pat Robertson ou do cônsul George Samuel Antoine foram construídas a partir do sistema *colonial/moderno*, presente então nos vídeos publicizados como representações fiéis da lógica colonial, hoje repaginada em sua vestimenta moderna, sua versão neocolonialista. Os discursos continuam conteúdos de forte apelo emocional, cuja amplificação no ambiente dos veículos de comunicação certamente trarão resultados avassaladores do ponto de vista político, social. É evidente o papel de formadores de opinião na sociedade civil que cumprem tais veículos, no entanto nunca esquecendo que

...cada aparato sócio-tecnológico de comunicação é tecido por regras singulares de enunciação do mundo, a forma como a fala do outro é apresentada (ou não) em público interfere nas relações sociais e nos sistemas de conhecimento e crenças. (Conceição, 2008, p. 8).

As regras de enunciação do mundo, as quais lhe dão sentido, conforme corroboradas por Conceição, engendram também a dimensão ideológica dos posicionamentos assumidos pelos meios de comunicação massivos, cuja direção a ser seguida por estes (e com eles as informações a serem veiculadas), encontram-se, como é de praxe, atreladas as estruturas de poder, não importando em qual esfera ela apareça. Numa visão em perspectiva do universo social veremos que “*o poder é uma matriz geral de relações de forças, num tempo dado, numa sociedade dada*” (Rabinow & Dreyfus, 1995, p. 204), surgindo de qualquer direção, acima ou abaixo dos segmentos sociais, das culturas.

Portanto, posicionados na condição de homens públicos, assumindo papéis sociais relevantes, tanto na realidade brasileira como na norte-americana, estes formadores de opinião debruçaram seus olhares a partir de um ponto privilegiado, emitindo afirmações, no mínimo questionáveis, sobre o terremoto que acabara de destruir o já combalido Haiti, enfraquecido primeiramente por todo o processo da escravidão; depois pelas estruturas criadas pelo neocolonialismo Ocidental e suas agências de poder e dominação, cujo *modus operandi* promoveu a exclusão daqueles

cidadãos e cidadãs do bem-estar que o mundo globalizado haveria de criar; por último, e porque não dizer o elemento fundamental, os discursos trouxeram à baila a problemática da *violência do racismo*, conforme o psicanalista Jurandir Freire Costa conceituou no prefácio<sup>7</sup> do livro de Neuza Santos Souza, *“Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”*. O autor enfoca que ao escrever sobre a temática escolhida pela autora, as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social, foi levado a refletir sobre a violência nos termos em que esta

...parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado, de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (...) A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico. (Costa, 1983, pp. 2-3).

O posicionamento estampado na reflexão acima é por si só explicativo do que está em jogo quando atitudes sociais, estruturadas a partir de concepções excludentes, são colocadas em movimento, abrindo caminho para a instalação das diversas xenofobias conhecidas. Dito isto, podemos afirmar que as posturas dos homens públicos em destaque em momento algum podem ser consideradas como ações isoladas no fenômeno particular, mas sim pertencentes à gama de considerações plasmadas àquelas inseridas na ordem neocolonial, em vigência nos tempos contemporâneos, cujo princípio formador consiste em desestabilizar as culturas negras na diáspora, onde estas “assentaram” suas células fundantes. No interior daquelas “falas” encontra-se incubado o vírus da intolerância de tudo aquilo que represente a cultura negra na diáspora, enquanto negação das representações coloniais que alavancaram o progresso ocidental, desencadeando a partir daí o processo de exclusão social.

A partir daí tivemos o recrudescimento das neocruzadas contra as religiões de matriz africana ou afro-brasileira em nosso território, tendo à frente as religiões neopentecostais. Com o intuito de restabelecer uma certa ordem dos eventos sociais

---

<sup>7</sup> O título do prefácio é “Da Cor ao Corpo: a violência do racismo”.

na relação entre o homem e o sagrado, proibindo assim a manifestação pública das religiosidades negras que compõem a gênese do “ser” negro. O acirramento dos ataques desferidos por parte das igrejas neopentecostais contra aquelas de origem negra, sustentando-se nos argumentos de que estas últimas são responsáveis pela proliferação do mal a partir de seus orixás, voduns, caboclos que constituem seu panteão sagrado ganhou força nos meios midiáticos. Mal este que já era, no ciclo escravocrata brasileiro, tratado como a personificação do diabo, através da figura do escravizado(a) negro(a) que por motivo do enegrecimento de sua pele (fenótipo), foi amalgamado com os elementos negativos, esquartejado em sua dignidade e escolha religiosa, cuja opção, de ordem cultural, foi rotulada como sendo práticas de proliferação das ações demoníacas no Novo Mundo. Nos cotidianos das metrópoles, médias e pequenas cidades brasileiras encontraremos a ampliação dos casos de intolerância religiosa cuja dimensão já não se encontra mais apenas nas relações pontuais, atingindo quadrantes mais complexos da vida cidadina, como Silva (2007, p. 10) ressalta.

Os casos de intolerância, antes apenas episódicos e sem grandes repercussões, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as freqüentes notícias de jornais que os registram em inúmeros pontos do Brasil. Igualmente, a reação a estes casos, antes apenas um esboço isolado e tímido de algumas vítimas, agora se faz em termos de processos criminais levados adiante por pessoas físicas ou instituições públicas, como ONGs e até mesmo a Promotoria Pública.

Considerando o aumento das denúncias de intolerância quase sempre partindo da ofensa desferida a partir das religiões neopentecostais contra a religião afro-brasileira, através dos agentes mencionados por SILVA, deduz-se que estamos diante de um fenômeno sócio-cultural relevante, para ser observado com maior atenção pelo conjunto da sociedade brasileira. Tal fenômeno não recebeu a atenção que deveria por parte do *mass media* nacional, levando-se em conta que as interfaces ideológicas no caso em questão, são, salvo exceções, contrárias ao discurso favorável as religiões afro-brasileiras. A partir da permanência dessas interfaces as culturas negras não são vistas segundo a ótica da lentes que ofereçam altivez, dignidade, respeito, junto àqueles que fazem a opinião cotidiana dos fatos sociais. O governo brasileiro atual tem sido sensível ao tratamento dado à problemática racial no país, implementando políticas positivas de inclusão dos negros e negras na circularidade ativa da sociedade, ampliando os setores ligados à máquina do Estado visando intensificar o diálogo com a sociedade civil, principalmente com o movimento negro nacional. Tal

diálogo tem realçado a particularidade que reveste o tratamento dado à manutenção da religião afro-brasileira e a apuração das denúncias de ataques desferidos pelas igrejas neopentecostais. Entre as iniciativas desenvolvidas pela *Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)* podemos mencionar a *II Conferência Nacional da Igualdade Racial (CONAPIR)*, realizada em Brasília de 25 a 28 de junho de 2009. É possível perceber nos diversos tópicos que compuseram os eixos discutidos pelos delegados participantes do evento, divididos em várias seções, a preocupação com o tratamento dado as comunidades-terreiro da religião afro-brasileira, enfocando decisões que trarão ganhos diretos do ponto de vista social. No âmbito da cultura podemos mencionar os tópicos 2 e 4 que visam

Instituir **lei que cria aposentadoria** para velhos capitães de congado, mestres de capoeira, **sacerdotes e sacerdotisas de comunidades de terreiro** e de etnia cigana, como processo de valorização dos detentores de cultura e circulação de renda dentro das comunidades, evitando a desagregação comunitária e conseqüente aumento nos índices de violência. (Resoluções da II CONAPIR, 2009, p. 15). (grifo nosso).

Assegurar o cumprimento dos instrumentos jurídicos já existentes de combate à **descaracterização dos valores culturais afro-brasileiros**, visando o **fortalecimento e reconhecimento das religiões de matriz africana e afro-brasileira** como patrimônio imaterial e religioso brasileiro, com a criação de políticas de fomento que assegurem, inclusive, a **preservação dos ambientes naturais indispensáveis à manutenção dos rituais sagrados**. (Resoluções da II CONAPIR, 2009, pp. 15-6). (grifo nosso).

A apuração mais rigorosa das denúncias feitas contra as religiões neopentecostais ainda não foram levadas a bom termo pelo estado brasileiro, no entanto a ocorrência destes fatos tem exposto a fragilidade com que a sociedade civil, seus gestores, além da Promotoria Pública tem equacionado o problema, tornando vulneráveis as populações afro-brasileiras. Silva (*op.cit*, pp. 12-13) relata diversos casos ocorridos em cidades brasileiras ao prefaciar o livro sobre a intolerância religiosa. Um deles pode ser apresentado como exemplo do recrudescimento das ações tomadas pelos membros das igrejas neopentecostais.

Em São Luís, capital maranhense, alguns fiéis da Assembléia de Deus residentes no bairro acusaram os chefes do Terreiro do Justino, localizado na Vila Embratel, de seqüestro de um bebê, filho de um casal de freqüentadores da igreja que residia na vizinhança. Acreditavam que

o bebê teria sido raptado para ser sacrificado nos ritos do terreiro. Acionaram a polícia, que mesmo sem uma ordem judicial revistou as instalações do templo, incluindo os quartos sagrados interditados aos não-iniciados. Até a geladeira da casa e os carros estacionados no quintal foram alvos da busca policial. A investigação só não foi levada adiante porque os reais seqüestradores da criança foram capturados.

Notamos a existência de inúmeros antagonismos evidentes entre as questões voltadas para a situação de intolerância religiosa contra as comunidades-terreiro e os aspectos relacionados com o racismo, a xenofobia, cujos tentáculos atinge a sociedade brasileira em sua totalidade. Esta aproximação entre os dois universos de problemáticas voltadas para as questões étnicas e religiosas são partes do mesmo fenômeno; estes ganham a cada dia maior relevância, tornando-se evidente o desconforto para uma sociedade que até ontem alardeava aos quatro ventos não existir racismo no país, muito embora a constatação cotidiana afirmasse o contrário. Foi somente a partir da *Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, realizada na cidade de Durban, África do Sul em 2001 que o presidente da República, à época Fernando Henrique Cardoso, começou o processo de discussão das relações raciais brasileiras, admitindo pela primeira vez que os negros eram discriminados, pressionado pelo clamor dos movimentos negros.

As questões voltadas para o racismo são por demais importantes no cenário social brasileiro, considerando os debates que vêm ocorrendo acerca das políticas de ações afirmativas, políticas de cotas em todo o país. Os estágios das ações concretas que estão sendo tomadas por parte de órgãos públicos, por exemplo, bem como a produção científica sobre o tema, além da postura assumida pela sociedade civil diante do debate instaurado, tem demonstrado o estágio de acirramento pelo qual passa os grupos envolvidos com o tema. Dado a complexidade que a questão trás, talvez seja oportuno declinar o foco para o destaque aos argumentos que levaram a jornalista Miriam Leitão (2002, p. 42), articulista de conhecida rede de televisão nacional, a tecer considerações que demonstram como a mídia opera o racismo no interior de seus veículos de comunicação, fato conhecido por aqueles que “militam” pela erradicação das ações xenófobas em nosso país.

E como o racismo se apresenta na imprensa? Apresenta-se na mesma forma odiosa com que o racismo se apresentou no país ao longo dos anos, das décadas, dos séculos: vamos fingir que não estamos vendo. É uma coisa deliberada? Uma coisa consciente? Não, não é consciente, não há uma reunião em que se fala assim: “Nós, os brancos, decidimos que esse assunto não tem espaço”. Não é exatamente assim. Se fosse,

alguém poderia questionar e a discussão começaria. O problema do racismo brasileiro é que ele não é explícito. Ninguém resolve isso na reunião da pauta, mas a verdade é essa.

Muito embora não exista a formalização de uma recusa a oferecer destaque para matérias que venham abordar temas como o racismo contra o negro, nas reuniões que discutam a pauta nos órgãos de comunicação, há algum tipo de acordo implícito que suste tal iniciativa. Ao mesmo tempo em que o silêncio dos cúmplices fica evidente por um lado, diante da inércia como a sociedade trata do problema, por outro a programação televisiva, jornalística desenvolve posicionamentos pré-concebidos acerca do cotidiano da cultura negra, tal qual foi possível perceber no programa apresentado pelo pastor Pat Robertson no qual mencionou o terremoto ocorrido no Haiti.

Os discursos proferidos pelos dois homens públicos possuem implicações de todas as ordens, principalmente aquelas relacionadas ao Brasil. Do ponto de vista político interno a incongruência se aprofunda ao pensarmos que o posicionamento assumido pelo cônsul haitiano coloca o governo por ele representado numa delicada situação cultural frente a outras nações do Continente Africano, majoritariamente negro por um lado e, diante das nações latino americanas como o Brasil, habitado por uma população significativa de negros e mestiços por outro lado. Qual é o ponto crucial? O fato do comentário desqualificar a cultura negra em seu conjunto a partir de suas estruturas religiosas, cujo sentido é inegável para seus pares. Do ponto de vista político externo a incongruência resvala nas relações entre o Brasil e o Haiti naquilo que diz respeito à sustentação da cultura negra em seus quadrantes religiosos. A partir do que foi dito ou daquilo que não foi explicitado pelo cônsul do Haiti no Brasil, pode-se afirmar que caminho igual terá a população negra em nosso país, também por estar ligada a religião negra, instigadora do mal. Bem provável que nossos algozes no período colonial, em meados do séc. XIX, já pensavam numa gama infinita de infortúnios relacionados com a “macumbaria” negra escrava, que iniciava sua instalação em terras brasileiras, corroborando a partir da degenerescência racial e social que era imputada aos escravizados negros, as afirmações feitas no tempo presente.

Segue na mesma direção a argumentação do pastor norte-americano que atenta contra o povo haitiano fazendo uso de uma saga por demais fantástica para nossa compreensão nos tempos atuais, embora faça sentido no conjunto das posições mencionadas neste texto até o momento. No tocante a nação norte-americana há também um insulto implícito desferido contra a cultura negra, cuja “*identidade de resistência*”, conforme conceito estabelecido por Castells (2001) em seu *O Poder da*

*Identidade*, vem sendo construída desde meados dos anos 60 do século passado, tendo como coroamento daqueles esforços o empoderamento de um presidente da República negro nos EUA.

Claro está que as falas concebidas pelos homens públicos presentes neste texto, muito de longe não se aproximam dos conceitos que foram trabalhados pela antropologia social a partir de uma obra clássica de um dos maiores cientistas do séc. XX, cuja tarefa foi escrever sobre a natureza da racionalidade e seu arcabouço cultural de povos ditos “exóticos”. Estou falando de Evans-Pritchard. Eduardo Viveiro de Castro, responsável pela tradução de *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*, em 1978, empresta um excerto de sua compreensão acerca deste fundamental livro para que pudéssemos dimensionar o fosso existente entre as visões dos homens públicos e uma certa concepção do conhecimento sobre a cosmogonia e práticas dos atores pertencentes às culturas tradicionais.

Algumas das análises aqui propostas tornaram-se propriamente clássicas, isto é, permanentemente novas. Pense-se, por exemplo, na identificação do propósito epistemológico do recurso à bruxaria como explicação de infortúnios: a busca não de causas eficientes, mas de razões suficientes; não uma física da causalidade objetiva, mas uma política da intencionalidade subjetiva; não o fenômeno e o conceito, mas o evento e o sentido. É a este livro que a antropologia deve uma de suas principais contribuições ao pensamento contemporâneo, a saber, a construção de que há muito mais bruxaria no céu e na terra do que supõe a vã burocracia da razão. (2005, p. 7).

O conhecimento hoje instituído, tanto nos quadrantes do universo científico, como na informalidade do saber popular, tem oferecido às sociedades um “sem número” de possibilidades com as quais será possível o entendimento, por mais diverso que seja, dos sentidos, significados que oferecem coerência aos eventos encontrados nas culturas contemporâneas como naquelas consideradas tradicionais. Não estamos mais falando de mundos à parte, estanques e separados por concepções tão estranhas, irreconhecíveis, que possam obliterar nossa capacidade de compreender a diferença entre ritualísticas, hábitos alimentares, convenções sociais, mas sim de estruturas diversas nas quais os significados são construídos e oferecidos ao entendimento através de regras socialmente estabelecidas, possuidoras de lógica tanto quanto aquelas situadas a milhares de milhas daqui. Clifford Geertz (1989) ao utilizar a teoria interpretativa da cultura, em sua condição de ser esta última construída a partir das teias de significados tecidas pelos homens, aborda a noção de Gilbert Ryle para uma descrição densa a partir do famoso exemplo das piscadelas entre três

garotos<sup>8</sup>. No momento em que Geertz conceitua o exemplo prático descrito, estabelece uma linha de correspondência entre os saberes científicos, populares que oferece sentido as ações individuais/coletivas e o próprio conceito da teoria interpretativa, através de sua ferramenta prática: a etnografia.

...O caso é que, entre o que Ryle chama de “descrição superficial” do que o ensaiador (...) está fazendo (...) e a “descrição densa” do que ele está fazendo (...) está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os **tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam...** (Geertz, 1989, p.17). (grifo nosso).

Quais os ensinamentos que podemos retirar das cenas assistidas nos vídeos amplamente divulgados? Primeiramente constatamos ser imperioso que a cultura negra possa ver-se na condição de participante ativa no processo de construção de sua identidade como sujeito social. A partir da ampla gama de possibilidades organizativas do ponto de vista político, cultural, econômico, devemos constituir caminhos que possam instalar nossa polifonia acerca da sociedade que queremos hoje, considerando os avanços já conquistados. No âmbito da religião afro-brasileira as diferenças de cosmogonias, ritualísticas devem estar acima das vaidades pessoais, com o intuito de criar estruturas coletivas, estas ligadas às instituições do movimento negro interessadas em responder pontualmente, através dos canais midiáticos, jurídicos, as violações diuturnamente desferidas contra sacerdotes, sacerdotisas e o povo-de-santo das comunidades-terreiro espalhadas nas capitais de grande, médio e pequeno porte no Estado brasileiro.

Devemos lembrar ainda que até 1976 havia uma lei no estado da Bahia<sup>9</sup> que obrigava os templos das religiões de matriz africana a se cadastrarem na Delegacia de Polícia mais próxima. No estado da Paraíba, uma lei aprovada em 1966<sup>10</sup> obrigava sacerdotes e sacerdotisas daquelas religiões a se submeterem a exame de sanidade mental, por meio de laudo psiquiátrico. No cotidiano, a perseguição policial, prisões arbitrárias e invasões de templos eram comuns – e acontecem ainda hoje, embora em menor número. Não fosse a bravura, a garra, o heroísmo das sacerdotisas e sacerdotes, as religiões de matriz

<sup>8</sup> O exemplo das piscadelas entre os três garotos encontra-se no capítulo I intitulado *Uma Descrição Densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura*, do livro *A interpretação das Culturas*.

<sup>9</sup> Lei do Estado da Bahia nº 3097 de 29/12/1972.

<sup>10</sup> Lei do Estado da Paraíba nº 3443 de 6/11/1966.

africana já teriam sido sepultadas pela intolerância e o racismo. Hoje, esta situação está mudando, mas ainda há muito o que fazer. A saída é uma só: conscientização, conhecimento dos direitos, organização, união. (Cartilha do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, p. 4).

O CEERT idealizador da cartilha citada acima possui interessante trabalho de divulgação das ferramentas necessárias para que o povo-de-santo possa conhecer seus direitos, organizar-se e contar com a ajuda jurídica necessária ao enfrentamento diante das hostilidades impostas a religião afro-brasileira. Outra ação pontual a ser desenvolvida diz respeito à organização entre as comunidades-terreiro, visando conhecer quais são os pontos de fortalecimento do coletivo, instaurando um ambiente de ajuda solidária. Talvez o ponto mais importante será a aquisição de um discurso, por parte do povo-de-santo, que possa ultrapassar as portas da atuação apenas religiosa, particularizada em cada ilê. Há de se convir que o momento é por demais grave; é necessidade que as sacerdotisas e os sacerdotes mais carismáticos e respeitados(as) pela comunidades possam usar este carisma a fim de produzir filhos e filhas de santo politicamente ativos, preparados para responder em qualquer dimensão que o enfrentamento exigir.

Entendemos que a concepção do povo-de-santo é aquela onde no interior de cada comunidade-terreiro o responsável por ela possui autoridade máxima. Todas as ações que ali ocorrem certamente estão sob sua responsabilidade e vontade. Do ponto de vista da hierarquia existente na religião afro-brasileira bem como de suas ritualísticas, não discordamos dos posicionamentos assumidos pelos sacerdotes e sacerdotisas. No entanto o acirramento das perseguições efetuadas pela religião neopentecostal contra a religião afro-brasileira exige a tomada de posição mais radical, firme, por parte das segundas; para que tal postura possa ser assumida é necessário que o diálogo possa ser intensificado entre o povo-de-santo das diversas comunidades, independente da “nação” a qual pertença, ter conhecimento de seus direitos enquanto liderança de uma comunidade-terreiro da religião negra, ter o pragmatismo da organização coletiva a despeito de qualquer idiosincrasia que possa existir. Claro está que o povo-de-santo deve, necessariamente, assumir um discurso tanto religioso, como já vem fazendo, mas agregar outro discurso de ordem política, cujos argumentos possam criar a aproximação com os movimentos negros do país, acostumados há muito tempo nesses enfrentamentos sócio-políticos. Postura nova, ousada, porém necessária se quisermos preservar as matrizes que sustentaram até o momento a cultura negra.

A caminhada do povo-de-santo por mais cuidadosa, comedida, que possa ser, tal qual o passo de nossas matriarcas no momento em que adentram o barracão para iniciar suas cerimônias, terá que adotar determinadas ações que sejam criadoras frente à ofensiva das religiões neopentecostais, tomando como estratégia a ação do *engana-olho* da invenção renascentista, isto é, o olhar para “*uma pintura que, por meio de um jogo mimético de terceira dimensão, oferece ao olhar uma ilusão, mas fazendo crer que são reais os objetos nela representados*” (Sodré, 1988: 33). Será por demais sábio que nossas matriarcas façam uso da racionalidade social contemporânea aliada ao princípio ativo de Exu para penetrar nos circuitos onde esteja ocorrendo o embate em prol da preservação das matrizes africanas.

## BIBLIOGRAFIA

- Castells, Manuel. *O Poder da Identidade*. SP, Editora Paz e Terra, 2001.
- Conceição, Francisco Gonçalves (org.). *Entrevozes: enredos institucionais e midiáticos*. MA, EDUFMA, 2008.
- Evans-Pritchard. *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*. RJ, Jorge Zahar Editor, 2005.
- Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. RJ, Ed. Guanabara, 1989.
- Hardt, Michael & Negri, Antonio. *Império*. RJ, Ed. Record, 2004.
- James, C. L. R. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L`Ouverture e a Revolução de São Domingos*. SP, Boitempo, 2010.
- Leitão, Miriam. *A imprensa e o racismo*. In: *Mídia e Racismo*. RAMOS, Silvia (org.), Pallas, RJ, 2002
- Mignolo, Walter. *Histórias Locais, Projetos Globais: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar*. MG, Ed. UFMG, 2003.
- Rabinow, Paul & Dreyfus, Hubert. *Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. RJ, Forense Universitária, 1995.
- Santos, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. SP, Ed. Hucitec, 1997.
- Silva, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. SP, EDUSP, 2007.
- Sodré, Muniz. *O terreiro e a cidade - a forma social negro-brasileira*. RJ, Vozes, 1988.
- Souza, Neuza Santos. *Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. RJ, Ed. Graal, 1983.